



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PEDRO AUGUSTO GUEDES DE FRANÇA

**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA REDE MUNICIPAL
DE CAMPINA GRANDE - PB: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA**

Campina Grande – PB

2014

PEDRO AUGUSTO GUEDES DE FRANÇA

**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA REDE MUNICIPAL
DE CAMPINA GRANDE - PB: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Livânia Beltrão Tavares.

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F814a França, Pedro Augusto Guedes de.

Atuação do psicólogo educacional na rede municipal de Campina Grande-PB [manuscrito] : entre a teoria e a prática / Pedro Augusto Guedes de França. - 2014.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Pedagogia".

1. Psicologia Educacional. 2. Atuação profissional. 3. Escola Pública. I. Título.

21. ed. CDD 370.15

PEDRO AUGUSTO GUEDES DE FRANÇA

**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA REDE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE - PB: ENTRE A TEORIA E
A PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 17/04/2014.

Livânia Beltrão Tavares

ProfªMsª Livânia Beltrão Tavares / UEPB

Orientadora

Zélia R. de A. Santiago

ProfªDrª Zélia Maria de Arruda Santiago / UEPB

Examinadora

Ana Cristina Rabelo Loureiro

ProfªDrª Ana Cristina Rabelo Loureiro / UEPB

Examinadora

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE - PB: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

FRANÇA, Pedro Augusto Guedes de

RESUMO

Há muitos anos a prática do psicólogo escolar/educacional vem sendo questionada, revisada, debatida, chegando a sofrer modificações ao longo dos anos. Vários estudiosos definem e delimitam o papel deste profissional para os dias atuais, assim como o Conselho Federal de Psicologia. Entretanto, aquilo que se espera do psicólogo educacional, a partir do que está posto na literatura, muitas vezes não corresponde à prática cotidiana destes. Este estudo visou identificar e analisar a percepção do psicólogo escolar/educacional da rede municipal de ensino de Campina Grande sobre seu papel na escola. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada a 11 psicólogas. Os resultados revelaram que as psicólogas entrevistadas percebem suas atividades como diversificadas, atuando sobre todos os atores da escola. Contudo, apresentam uma tendência a uma prática voltada essencialmente para o “aluno problema”, tentando envolver pais e professores em suas intervenções. Além disso, percebe-se que as psicólogas não têm definição clara de seu papel na escola, mostrando-se confusas ao se falar de suas atribuições. Além disso, os dados apontam para a existência de dificuldades enfrentadas pelos psicólogos em sua prática, principalmente referente à incompreensão dos outros atores da escola e da família dos alunos em relação ao seu papel, cobrando dele um atendimento clínico e um solucionador de problemas. Acredita-se que a compreensão do verdadeiro papel do psicólogo escolar apenas ocorrerá quando os próprios psicólogos buscarem definição de seu papel na escola por meio de debates, estudos e reflexões que articulem teoria e prática.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Escolar/Educacional; Atuação do Psicólogo; Escola Pública; Dificuldades.

1. INTRODUÇÃO

A prática do psicólogo educacional há muitos anos vem sendo questionada e modificada ao longo do tempo. Vários pesquisadores definem e delimitam o papel deste profissional para os dias atuais, assim como o Conselho Federal de Psicologia. Entretanto,

percebe-se que na prática o psicólogo educacional não atua conforme o que está posto na literatura.

Diante do atual contexto em que a Psicologia Escolar está inserida e das questões referentes à atuação desse profissional, questiona-se qual a percepção que os psicólogos educacionais da rede municipal de ensino de Campina Grande têm sobre seu papel e sua prática profissional e se esta é realizada como está posto na literatura.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a percepção do psicólogo escolar/educacional da rede municipal de ensino de Campina Grande, Paraíba, sobre seu papel na escola. Especificamente buscou-se identificar as principais atividades desenvolvidas pelos psicólogos; comparar a percepção dos psicólogos, sua prática e as atribuições do psicólogo escolar de acordo com a literatura e; identificar quais são suas dificuldades no exercício de suas funções.

Justifica-se uma pesquisa abordando a prática do psicólogo escolar/educacional na rede municipal de ensino de Campina Grande, tanto pelo interesse pessoal por esta temática, tendo em vista que será minha área de atuação profissional, como pelo fato de que há poucas pesquisas referentes ao tema, especificamente na rede municipal de ensino. Assim, esse trabalho contribuirá para estudos posteriores sobre o tema, bem como ajudará os psicólogos do município a refletirem sobre sua prática, melhorando-a, uma vez que haverá um retorno para os mesmos sobre os resultados e reflexões deste estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicologia no Brasil foi legitimada no ano de 1962, através da Lei nº 4.119/62. Inicialmente, o psicólogo estava livre para utilizar de métodos e técnicas com o objetivo de diagnóstico psicológico; orientação e seleção profissional; orientação psicopedagógica e solução de problemas de ajustamento. Esse profissional também tinha como atribuições possíveis a direção de serviços de Psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particular. Sendo possível, ainda, ensinar cadeiras ou disciplinas de Psicologia nos vários níveis de ensino; supervisionar profissionais e alunos em trabalhos teóricos e práticos de Psicologia, bem como assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria de Psicologia.

A Psicologia Escolar surgiu como uma área da Psicologia que esteve ligada à psicometria, relacionada à aplicação de testes psicológicos, com o predomínio de um modelo clínico voltado para o diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos, cuja ênfase situava-se nos fatores subjacentes ao indivíduo em detrimento das causas ligadas aos fatores institucionais, sociais e pedagógicos (ALMEIDA, 1999, *apud* NEVES et al, 2008).

Segundo Souza (2009), a partir da década de 80, a Psicologia Escolar passou a comprometer-se cada vez mais com as mudanças da realidade escolar e educacional. Nesse período começou a expandir-se, inclusive nas escolas públicas e através de uma maior troca de conhecimentos e experiências com profissionais de outras áreas (KUPFER, 1997, 2000; NOVAES, 1996, *apud* BORGES, 2005).

Entretanto, de acordo com Borges (2005), o artigo 71 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) situa a Psicologia Educacional como “despesas educacionais”; e ainda, no inciso IV, além de excluir o psicólogo, situa seu trabalho como “outras formas de assistência social”. Assim, percebemos que o trabalho do psicólogo educacional no Brasil ainda não é reconhecido, chegando a ser visto apenas como “um gasto extra”.

Além disso, a Psicologia Escolar é uma área da Psicologia que tem suscitado inúmeras reflexões acerca da identidade dos profissionais que nela atuam; sobretudo a necessidade de redefinição do papel do psicólogo na escola (ALMEIDA, 1999; JOBIM & SOUZA, 1996; DEL PRETTE, 1999; GOMES, 1999, *apud* NEVES et al, 2008). É notória a superposição de papéis e funções dos profissionais que atuam no âmbito escolar, onde os mesmos reivindicam para si o mesmo espaço profissional. Segundo Jobim e Souza (1996, *apud* NEVES et al, 2008), há uma miscigenação de papéis entre o psicólogo, o pedagogo e o psicólogo escolar e a atuação do psicólogo deve ser realizada de maneira crítica e contextualizada.

Inicialmente será discutido sobre o percurso histórico da psicologia educacional, sua trajetória e influências que sofreu. Em seguida, será tratado acerca das atribuições do psicólogo educacional a partir da literatura, bem como de seu papel e sua relação com a escola pública. A seguir, versaremos acerca da indefinição desse papel por parte dos próprios profissionais de psicologia. Posteriormente, o método, dados e análise da pesquisa e a conclusão.

2.1 Histórico da Psicologia Escolar/Educacional

“Muitos países (da Europa e os Estados Unidos) reclamam o título de berço da Psicologia Escolar” (NETTO, 1996, pg. 22), uma vez que fatos semelhantes fizeram com que, mais ou menos na mesma época, esses países desenvolvessem teorias e procedimentos reconhecidos como o ponto de partida da Psicologia Escolar.

Segundo Oakland (1993, *apud* NETTO, 1996) essas circunstâncias se constituíam nos problemas sociais decorrentes da mudança radical de estilos de vida, quando da passagem dos ambientes rurais para os urbanos. Houve, também, a expansão do ensino público nas cidades e dos problemas relacionados aos menores, como, por exemplo, abandono e delinquência, o que acarretou na procura de profissionais especializados para a identificação e compreensão dos problemas e de suas causas, a fim de desenvolver e programar soluções. Essas necessidades demandaram de autores e profissionais, estudos, pesquisas, experiências que implicaram no progresso considerável do conhecimento psicológico, principalmente ligado à criança em idade escolar.

Os Estados Unidos lideraram os domínios do surgimento, da expansão e aperfeiçoamento dos serviços da Psicologia Escolar e das pesquisas a este respeito (NETTO, 1996), cujos principais expoentes foram Stanley Hall e Lightner Witmer. O primeiro contribuiu para os temas envolvendo o desenvolvimento de educacionais, principalmente entre 1890 e 1915, bem como para o reconhecimento da importância do estudo empírico da criança, o que fortaleceu os laços entre a psicologia e a escola. Witmer fundou a primeira clínica psicológica para crianças nos EUA, em 1896, a qual, juntamente com suas concepções, são considerados com o ponto de partida simultaneamente da psicologia escolar e da psicologia clínica. Os que atuavam nesta clínica eram denominados psicólogos clínicos, mas que atuavam em problemas escolares, cuja preocupação básica estava ligada às crianças que manifestavam retardamento moral, mental ou físico, inseridas no processo escolar.

Em relação à Europa, a França é a principal representante da psicologia escolar ou educacional, cujos principais pesquisadores e teóricos são Alfred Binet e Henri Wallon. Binet, no início do século XX, foi procurado pelo governo francês para desenvolver procedimentos para identificar os estudantes que, porventura, necessitassem de tratamento especial. Seus serviços foram necessários, uma vez que o governo aprovou uma lei que exigia que todas as crianças entrassem na escola (HOCKENBURY & HOCKENBURY, 2002).

Pode-se concluir, como afirma Fagan (1992, *apud* SILVA *et al* , 2008, pg. 2) “que a Psicologia Escolar (no mundo) deve suas origens à escolarização compulsória, ao estudo da criança, à psicologia clínica e à educação especial”. Segundo Bock (1999), nas décadas de 70 e 80 começaram a surgir duras críticas em relação ao modelo clínico de atuação do psicólogo

escolar/educacional. Saindo de uma psicologia naturalizante, patologizante e individualista, surgiu uma nova psicologia comprometida com a realidade social e levando em consideração os determinantes socioculturais relacionados ao fenômeno educacional. Passemos agora a ver como foi sua origem no Brasil.

Segundo Antunes (2008), a psicologia educacional tem uma brevíssima história no Brasil, a qual é dividida em três partes. A primeira se refere às escolas normais, de 1830 a 1940. As escolas normais eram voltadas para a formação dos professores de ensino elementar. Ao longo dos anos, surgiu a necessidade de se estudar mais a respeito da psicologia e pedagogia, imprescindíveis para atender às demandas educacionais e tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficiente. A segunda se refere à época que se introduziu o ensino de psicologia na universidade, antes da criação do curso superior de psicologia e vai de 1940 a 1962. Finalmente, a terceira fase se caracteriza na introdução da disciplina psicologia escolar no curso superior já formado de psicologia.

2.2 Atribuições do Psicólogo Escolar/Educacional

Com base nesse breve contexto histórico do surgimento da psicologia educacional, uma grande questão que se coloca em cena diz respeito às atribuições desses profissionais. Como anteriormente foi posto, muito das funções inerentes ao psicólogo educacional estão diretamente relacionadas em sua gênese com os estudos sobre a criança, incluindo aqui as questões relacionadas à educação especial; e com os saberes da psicologia clínica (NETTO, 1996).

A definição das atribuições do psicólogo educacional foi algo que, ao longo do tempo, foi se construindo num cenário mundial; contudo, ao analisar a situação desses profissionais no Brasil, Guzzo (1999, *apud* JOLY, 2001) aponta diferentes características em relação a outros países, onde o psicólogo escolar já possui funções bem delimitadas, com papel e espaço bem reconhecidos na sociedade e na educação. Segundo Souza (2009) existe várias áreas nas quais um psicólogo escolar/educacional pode atuar, tais como instituições escolares, ensino de psicologia, educação inclusiva, direitos da criança e do adolescente. Entretanto, este artigo se detém apenas à área das instituições escolares.

Verifica-se que nas escolas os próprios profissionais não conhecem o verdadeiro papel do psicólogo escolar. Em estudo realizado em escolas estaduais que buscava conhecer a visão de profissionais da educação sobre o papel do psicólogo escolar (NASCIMENTO *et al*, 2003), verificou-se que a visão que esses profissionais possuem está relacionada a ações clínicas, de

modo que, aos psicólogos escolares, caberiam ações como o diagnóstico e acompanhamento clínico de profissionais e alunos com problemas, assim como a elaboração de soluções imediatas aos problemas comportamentais.

Nesse cenário, cabe elucidar as atribuições desses profissionais no que tange às suas áreas de atuação. Segundo Joly (2001), a Psicologia Escolar coloca-se a serviço de todos os que estão diretamente ou indiretamente ligados ao processo de desenvolvimento do alunado, mas de modo geral, ao processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de otimizar esse processo e promover o bem estar de todos os atores relacionados aos alunos bem como os próprios alunos. Assim, questões oriundas de esferas motora, social, cognitivo-emocional, a estrutura curricular, a orientação e formação continuada de professores e as parcerias com as famílias, desde o cenário da educação infantil ao ensino superior, são focos de áreas específicas de atuação do psicólogo educacional (JOLY, 2001).

As áreas de atuações desses profissionais são também bem definidas pelo Conselho Federal de Psicologia, para o qual cabe ao psicólogo educacional a:

Atuação no âmbito da educação, nas instituições formais ou informais. Colaboração para a compreensão e para a mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural. Realização de pesquisa, diagnóstico e intervenção psicopedagógica individual ou em grupo. Participação também da elaboração de planos e políticas referentes ao Sistema Educacional, visando promover a qualidade, a valorização e a democratização do ensino. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

A partir dessas atribuições, Andrada (2005) afirma haver quatro focos de intervenção em psicologia escolar, quais sejam, as implicações do fazer pedagógico; o envolvimento dos pais e educadores no processo de formação e educação das crianças e adolescente; o esclarecimento das dimensões psicológicas implicadas no processo de ensino e aprendizagem; os sistemas de interações existentes no interior da escola. Em relação ao primeiro, psicólogo deve conhecer o projeto político pedagógico, trabalhar junto à equipe pedagógica periodicamente, em diálogos com os professores, etc.

No que concerne ao segundo foco, Andrada (2003) afirma que é necessário fazer uma intervenção junto à família, uma vez que ela é um sistema corresponsável pela educação de seus filhos, objetivando colher dados de outro sistema em que o aluno participa de forma direta. Assim, as intervenções são inúmeras, tais como junto com as famílias refletir sobre a questão da aprendizagem dos alunos, a fim de criarem estratégias que possibilitem o sucesso escolar.

O foco três, segundo Andrada (2005), diz respeito ao reconhecimento de que o processo de ensino e aprendizagem está relacionado a várias áreas do conhecimento, tais como Pedagogia, Psicologia, Medicina entre outras. É necessária uma intervenção que pressuponha todas as dimensões implicadas, incluindo a psicologia. Desta forma, é atribuição do psicólogo diagnosticar e encaminhar alunos com suspeitas de dificuldades de aprendizagem para especialistas da área.

No que diz respeito aos sistemas de interação existentes no interior da escola, é importante o psicólogo considerar que os problemas de aprendizagem podem ser resultado das relações dentro da escola, entre aluno-professor e aluno-funcionário. Assim, faz-se necessário procurar entender os problemas que o aluno está apresentando, relacionando-os com os diferentes sujeitos envolvidos. O psicólogo deve criar espaços que possibilitem a escuta das demandas dos sujeitos da escola, assim como circular pela escola, atentos ao que ocorre, etc.

Frente a essas atribuições, é possível delimitar várias práticas oriundas ao exercício profissional do psicólogo escolar, compreendendo sua atividade como área de atuação bem delimitada. Desse modo, é possível se pensar como o psicólogo educacional tem realizado seu trabalho no ambiente escolar e como tem sido sua prática, sobretudo no contexto do ensino público.

2.3 O Psicólogo na Escola Pública

No Brasil, a escola pública surgiu no início do século XX e, apesar de apontar para o compromisso de promover educação às camadas populares, as minorias étnicas e as classes menos abastadas ficaram fora do contingente da mesma.

Por volta da década de 20, o contingente populacional excluído da escola iniciou um movimento de reivindicação pelo seu espaço dentro da mesma. Neste contexto, surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, construído por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, entre outros, tendo como principal objetivo a reconstrução educacional, apontando para uma educação laica, obrigatória e gratuita (PEREIRA, FELIPE & FRANÇA, 2012).

Desde o surgimento da escola pública a sociedade brasileira passou por diversas mudanças que acarretaram transformações nesta instituição. Documentos como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional surgiram e trouxeram consigo novos elementos para as discussões acerca da problemática educacional no Brasil.

No contexto escolar atual, o que se apresenta é que 97% das crianças entre 7 e 14 anos estão na escola. Porém, se encontra em discussão a qualidade do ensino oferecido. O analfabetismo ainda não foi erradicado, existe uma grave defasagem série-idade, a repetência se apresenta como um problema de graves consequências (REBELLO, 2010) e apenas 44% dos jovens brasileiros se encontram no ensino médio (IBGE, 2008).

Dentro deste contexto, encontramos o psicólogo educacional, com as atribuições citadas anteriormente, porém sem legitimação jurídica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é proibido deduzir dos 25% dos orçamentos públicos dirigidos à educação, salários de profissionais, tais como médicos, odontólogos, farmacêuticos e psicólogos.

Art. 71. Não constituirão despesas de manutenção e desenvolvimento do ensino aquelas realizadas com: (...) IV - programas suplementares de alimentação, assistência médico-odontológico, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social (LDB, 1996, p. 25).

Percebe-se que a psicologia, como consta na lei, não é percebida como uma atividade educacional. Dessa forma, é possível compreender que esta problemática tem um grande impacto no trabalho do psicólogo na escola pública brasileira, sendo este um profissional que poderia contribuir enormemente para a educação, porém seu trabalho encontra-se constantemente envolto na discussão da prescrição de normas, assim como na constante luta pela construção do seu espaço de trabalho.

Antunes (2008) afirma que é compreensível essa prescrição da lei sobre a psicologia, pois o que a fundamenta é uma concepção de atuação do psicólogo escolar como clínico e terapêutico, com atenção individual e voltadas para o atendimento do aluno-problema. Ele discorda desta prática na escola, entretanto afirma que há outra prática de caráter educacional, a qual foi discutida anteriormente. Segundo as referências técnicas para atuação de psicólogos (as) na educação básica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013), esse ainda é um desafio a ser vencido em relação a participação do psicólogo escolar em políticas públicas. Ele não faz parte das equipes que discutem e implementam estas políticas, nem o conhecimento da psicologia escolar é considerado nelas. Assim, cumpre discussões sobre essa questão para esclarecimento dos órgãos responsáveis por essa prescrição legal, a fim de defender a introdução de uma prática psicológica na escola que possa contribuir com a educação brasileira.

Apesar da lei não considerar a atuação do psicólogo como prática educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013), que são o conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos da educação básica impõe que as escolas deverão nortear suas propostas pedagógicas pelo princípio éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade, bem como reconhecer as identidades pessoais em relação as suas peculiaridades básicas. Além disso, as escolas devem reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação entre os processos de linguagem, conhecimentos e afetivos, como consequência da relação inter e intra subjetiva entre os alunos e estes com os profissionais da escola e o contexto nos qual eles vivem, entre outros. Todas essas questões fazem parte do campo de atuação do psicólogo, o que demonstra a importância e necessidade deste profissional no âmbito escolar.

É nesse contexto político que buscasse compreender a atuação do psicólogo na rede municipal de ensino de Campina Grande.

2.4 Indefinição do papel do psicólogo

Por mais que a literatura tenha avançado, buscando definir as atribuições do psicólogo dentro da escola, chegando até a especificar quais poderiam ser suas possíveis intervenções dentro da mesma, muitos psicólogos não entendem como devem atuar e qual o seu papel (BARRETO; CALAFANGE; LIMA, 2009).

De fato, Barreto, Calafange e Lima (2009) afirma que um dos maiores desafios enfrentados pelos psicólogos escolares no exercício de suas funções é a falta de definição de seu papel na escola, ou seja, não sabem o que lhe é específico. Há várias consequências decorrentes disso. Causa angústia ao psicólogo por estar inseguro, não sabendo o que, nem como fazer diante das demandas dos escolares (MENEZES *et al*, 2007).

Não sabendo o que fazer, o psicólogo assume atividades de profissionais de outras áreas de conhecimento, acarretando uma sobrecarga de atividades (BARRETO; CALAFANGE; LIMA, 2009). Como já foi dito anteriormente, há uma miscigenação de papéis, entre o psicólogo, pedagogo e professor. O psicólogo é solicitado a fazer outros serviços e o que é próprio de sua área fica em segundo plano ou não realiza (ANTUNES, 2008).

Muitos, ainda, não tentam (não realizando de forma eficiente, uma vez que não recebem formação para tanto) fazer o trabalho de pedagogos e professores. Entretanto,

naquilo que é específico do psicólogo, enveredam por uma área inadequada para o espaço escolar, a saber, a da psicologia clínica. Prestam atendimento individual a alunos considerados “problemáticos”, o que confirma que o campo de atuação não está bem delimitado, implicando muitas vezes numa falta de reconhecimento deste profissional em sua função específica. Diante disso, cumpre ter conhecimento do verdadeiro papel do psicólogo escolar para uma atuação de forma ética e profissional (MENEZES, 2007).

As causas da indefinição do papel do psicólogo escolar são muitas, sendo a principal delas a má formação (MENEZES, 2007). Segundo Senna e Almeida (2005) não recebem o aparato teórico necessário para embasar a sua prática, o que, segundo Souza (2009), torna-a desinformada, acrítica e consequentemente desqualificada.

Além disso, Soares e Mendonça (2013) afirmam que há falta de uma prática mais comprometida com a formação dos estudantes nos cursos de formação. Os estágios supervisionados no final de muitos cursos em psicologia não têm comprometimento com a realidade do campo de atuação do psicólogo escolar e com uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas, o que possibilitaria uma visão mais crítica e social.

É dentro deste contexto que o presente estudo busca analisar a percepção do psicólogo escolar/educacional da rede municipal de ensino de Campina Grande, Paraíba, sobre seu papel na escola.

3. MÉTODO

3.1 Lócus da Pesquisa

O município de Campina Grande-PB está localizado no agreste paraibano, caracterizada como uma cidade-pólo, estabelecendo relações geográficas e políticas com 60 outros municípios circunvizinhos. Estando apenas a 150 km das capitais nordestinas: João Pessoa, Natal e Recife, o município atualmente possui cerca de 400 mil habitantes e sua economia se desenvolve através dos setores de prestação de serviço e comércio.

Segundo a Secretaria de Educação de Campina Grande, em sua rede municipal de ensino, conta com a participação de 30 psicólogos educacionais ativos, atuando distribuídos em 39 núcleos escolares; cada núcleo é composto em média por 3 escolas, localizadas nos diversos bairros e distritos da cidade.

3.2 Participantes

Sobre as psicólogas participantes, todas são do sexo feminino, as quais trabalham na rede pública de ensino da cidade de Campina Grande, PB. A escolha dessas participantes se deu por conveniência. Como o contato com elas se deu por telefone, com aquelas que atendiam e se disponibilizavam era realizada a entrevista. Os dados sociodemográficos dos profissionais que participaram do estudo estão dispostos na quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos psicólogos

Profissionais	Sexo	Nível de Instrução	Tempo de atuação na área (anos)	Área de supervisão	Outra experiência
Psicólogo 1	Feminino	Graduação	04	Clínica Analítica	Diretora da FURNE
Psicólogo 2	Feminino	Especialista em Psicologia Clínica	08	Clínica	Pedagoga do Museu de Artes
Psicólogo 3	Feminino	Graduação	25	Escolar/Educacional e Clínica	-
Psicólogo 4	Feminino	Graduação	08	Clínica	Coordenadora de serviço de saúde mental.
Psicólogo 5	Feminino	Graduação	26	Escolar/Educacional	Psicóloga Escolar/Educacional do Estado.
Psicólogo 6	Feminino	Especialista em saúde pública; mestranda em psicanálise e educação	06	Organizacional.	Professora de psicologia de escolas técnicas.
Psicólogo 7	Feminino	Especialista em psicopedagogia	20	Escolar/Educacional	-
Psicólogo 8	Feminino	Especialista em psicopedagogia	14	Escolar/Educacional	-
Psicólogo 9	Feminino	Especialista em ludoterapia;	22	Clínica	-

		psicologia criminal			
Psicólogo 10	Feminino	Especialização em educacional	24	Clínica	-
Psicólogo 11	Feminino	Especialista em psicopedagogia	10	Escolar/Educa cional	Diretora de uma escola em outra cidade.

3.3 Instrumentos

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas de nove questões que versavam: sobre a formação do profissional; se encontrou dificuldade para atuar na escola, caso fosse formado em área diferente da escolar; o ano que concluiu o curso; há quanto tempo o mesmo trabalha nesta como psicólogo escolar; qual sua jornada de trabalho; se tinha outros vínculos empregatícios; suas principais atividades desenvolvidas na escola; sua opinião em relação as atribuições do psicólogo escolar/educacional na escola e; quais suas principais dificuldades enfrentadas no exercício de sua profissão.

3.4 Procedimentos para coleta e análise dos dados

No primeiro momento, foram realizadas visitas à Secretária de Educação do município, visando o levantamento do número de psicólogos e das escolas onde os mesmos estariam inseridos; assim como conhecer possíveis formas de contato com os mesmos. Durante esse período, houve o encaminhamento de um documento da universidade requisitando tais informações, e também a permissão para entrar em contato com tais profissionais. Vale destacar que os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Em um segundo momento, houve contato por telefone com os psicólogos a fim de solicitar sua participação. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada, a qual foi aplicada nas escolas onde esses psicólogos trabalham e nos horários disponibilizados pelos mesmos. Cada entrevista foi realizada individualmente, durando em média 23 minutos. Os dados das falas dos entrevistados foram registrados em um minigravador, as quais foram transcritas no computador e analisadas e discutidos posteriormente a partir de reflexões de autores e pesquisas na área.

O estudo aqui apresentado se caracteriza como uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Para tanto, os dados obtidos através dos resultados das entrevistas foram trabalhados através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), permitindo que nos aprofundemos na temática explorada.

4. DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

A partir dos dados obtidos nas entrevistas foram identificados três grandes categorias, a saber: atividades desenvolvidas, dificuldades percebidas na sua atuação profissional e superação das dificuldades encontradas pelas psicólogas.

4.1 Atividades desenvolvidas

A partir do eixo temático “Atividades desenvolvidas”, foram agrupados cinco subcategorias: atividades junto aos alunos; atividades junto às famílias; atividades junto aos professores; atividades junto ao corpo técnico; confusão de papéis.

4.1.1 Atividades junto aos alunos

Verificou-se que as psicólogas educacionais da rede municipal de Campina Grande atuam em relação aos alunos de forma individual ou coletiva, entretanto a ênfase é no atendimento individual, do aluno problema, como pode ser visto nos extratos de falas abaixo:

Psicóloga 7: Assim, eu participo de planejamento com os professores e atendimento tanto individual como de forma coletivas a alunos.

Psicóloga 1: é mais atendimento ao aluno mesmo...Então eu tenho pacientes tanto mirim, eu tenho uma criança que é autista, que eu fiz um atendimento, tanto eu fiz um atendimento aqui na escola, eu faço atendimento individualizado... Na escola, por exemplo, a gente é chamado quando a criança tá com um comportamento muito complicado.

Psicóloga 9: eu acompanho as crianças com dificuldade de aprendizagem, crianças com TDAH, que é um transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

O próprio Conselho Federal de Psicologia (1992) admite a intervenção do psicólogo de forma coletiva, assim como individual. Entretanto, os resultados dos estudos de Ulup e Barbosa (2012) corroboram os dados desta pesquisa, indicando que, em se tratando do trabalho do psicólogo escolar, ele possuía e ainda possui, em parte, uma forte característica individual, focada nos problemas dos alunos. O psicólogo escolar não deve excluir as contribuições da psicologia clínica, como por exemplo, a escuta clínica, mas deve atuar principalmente no coletivo, levando em consideração o meio social em que as relações que o aluno estabelece estão inseridas (MARTINS, 2003).

Há casos excepcionais, em que o psicólogo escolar deve realizar o atendimento individual, mas não clínico. Caso seja necessária a atuação de um psicólogo clínico ou de outro profissional especializado, o psicólogo educacional da escola deve encaminhar o aluno para esses profissionais, esgotados todos os esforços junto à equipe da escola (MARTINEZ, 2010).

Pode-se ainda observar que o trabalho coletivo que as psicólogas realizam junto aos alunos consiste em trabalhar temas transversais e comuns a todos os alunos da escola, como se vê nas falas seguintes:

Psicóloga 2: Na prefeitura especificamente a gente trabalha sobre eixos temáticos. São quatro eixos temáticos. Por exemplo, agora a gente tá trabalhando com direitos humanos e formação de valores. Todas psicólogas da rede deveriam trabalhar isso. Porque todas as ações educativas que são desenvolvidas na escola tem que está voltada para esta temática.

Psicóloga 4: Sempre me pedem pra trabalhar isso quando chega no final do ano, a parte de sexualidade, de droga... os trabalhos giram em torno disso mesmo, desses temas.

Psicóloga 7: Nessa parte da tarde como são adolescentes, então eu trabalho muito com palestras pra eles, questão de sexualidade, questão de drogas.

Essas falas deixam claro de que não há um trabalho de forma específica em relação às demandas de cada turma. Trabalham-se questões mais gerais. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013), a escola deve trabalhar esses temas e os psicólogos podem ajudar neste sentido. Entretanto, o trabalho coletivo não

deve focar apenas esses aspectos, mas principalmente é necessário criar espaços para escutar as demandas dos alunos e lidar com as situações que são cotidianas (ANDRADA, 2005).

4.1.2 Atividades junto às famílias

Nas entrevistas foi possível identificar as atividades que as psicólogas, participantes da pesquisa, desenvolvem junto às famílias dos alunos. Assim, percebe-se que a atuação em relação à família, tanto de forma individual, como de forma coletiva, em reunião de reuniões de pais e mestres, onde há palestras e dinâmicas promovidas pelas psicólogas, como pode ser confirmado nas falas seguintes:

Psicóloga 4: Eu gosto muito de trabalhar com os pais. Eu acho que... reunião dos pais é onde eu pego eles.

Psicóloga 7: Assim, eu participo de planejamento com os professores, atendimento tanto individual como de forma coletivos a alunos, a professores, a pais, né?

Martinez (2010) afirma que o psicólogo deve estruturar um trabalho junto a alunos e pais, seja de forma individualizada, seja de forma grupal. Percebe-se ainda que as psicólogas tem o contato com as famílias dos alunos para levantamento de dados sobre as mesmas e sobre os alunos.

Psicóloga 2: ...é convidar a família, pra conversar um pouco sobre... essa criança pra saber o histórico dela.

Psicóloga 3: o que eu tento fazer? Eu tento descobrir da criança, o que é que tá causando o problema, eu tento descobrir isso, eu tento descobrir conversando com a família.

Segundo Andrada (2005), é necessária, para a formação dos alunos, a participação ativa das famílias. Em primeiro lugar, fazer entrevista com as mesmas a fim de levantar dados acerca de questões referentes ao aluno, como visto nas falas das psicólogas. Entretanto, a intervenção junto às famílias consiste apenas de orientações da psicóloga, não envolvendo os professores e nem refletindo com a família sobre o processo de ensino aprendizagem e o seu papel nele.

Psicóloga 1: O nosso foco é instruir, o nosso foco é orientar, o nosso foco é levar aos pais, de fato, como é a criança dentro da instituição.

Psicóloga 5: Hoje quando eu chego aqui na creche, a diretoria já me solicitou, um caso de uma criança aqui. Então, assim, eu chamo, converso com a mãe, converso com o pai e agente orienta muitas vezes.

A orientação a pais em relação às dificuldades escolares e a outros assuntos para o desenvolvimento do estudante faz parte das atuações tradicionais do psicólogo (MARTINEZ, 2010). Entretanto, como afirma Andrada (2005), deve-se confrontar e unir pais e famílias no processo educacional para desenvolver estratégias que envolvam a participação de ambas as partes.

Outro dado das entrevistas referente às famílias diz respeito ao fato de haver um foco no problema do aluno e não a promoção do seu bem estar e de todos os atores envolvidos na escola, assim como uma culpabilização por parte das psicólogas em relação aos pais pelos problemas de comportamento apresentados pelos alunos.

Psicóloga 2: ...problemas que as crianças apresentam, que surgem na vida das crianças, eles são em, decorrência de problemas da família, e não problemas que a criança tem... a gente vai percebendo que é um desajuste familiar, ou do pai, ou da mãe..

Psicóloga 8: Limites, existe muita falta de limites. As crianças não tem aquela educação doméstica, valores universais não são repassados pras crianças e do jeito que eles vivem em casa eles trazem pra escola.

Psicóloga 5: Mas ele não está obedecendo a tia, ele está pulando o muro, aquela coisa toda e aí o problema dele que é a questão do núcleo familiar.

Desde a década de 80, a culpabilização da família vem sendo criticada por muitos psicólogos escolares (SOUZA, 2009). Segundo Lessa e Facci (2009), espera-se que os psicólogos escolares pautados num referencial teórico crítico rompam com as explicações pseudocientíficas, que objetivam na família ou no aluno a origem dos problemas educacionais. Esta pode até ter a sua contribuição, entretanto não é a única responsável. Segundo Sant'Ana e Albergaria (2011) deve-se considerar os determinantes sociopolíticos do fenômeno educativo que geram essas situações buscando desmistificar as visões preconceituosas sobre a família.

4.1.3 Atividades junto aos professores

No que se refere aos dados das entrevistas sobre as atividades dos psicólogos escolares junto aos professores, percebe-se que elas consistem basicamente em escuta dos problemas que os professores têm em relação aos alunos ou outros funcionários, orientação e acompanhamento, como se pode ver nas falas que se seguem.

Psicóloga 2: Atender a demanda do psicólogo escolar que é trabalhar as relações interpessoais desses profissionais que trabalham na escola.

Psicóloga 4: Quando eles (os professores) estão com qualquer problema, qualquer dúvida, eles correm pra mim.

Psicóloga 6: Então a gente faz basicamente de tudo, um apoio a família, um apoio aos professores.

Barreto, Calafange e Lima (2009) afirmam que o psicólogo deve ser para os professores um bom suporte para a melhoria de seu desempenho, numa postura de maior flexibilidade. Para tanto, segundo Marinho-Araújo et al (2011), o psicólogo deve criar espaços de escuta às demandas do professor, como fazem os sujeitos deste estudo, acerca do contexto escolar, do processo de ensino-aprendizagem e das relações interpessoais estabelecidas.

Além disso, pode-se perceber também que se busca atuar em relação ao aluno juntamente com os professores, como pode ser visto em sua fala:

Psicólogo 2: trabalhar com o grupo todo na sala de aula, principalmente com o envolvimento do professor.

Psicóloga 5: A gente prefere muito trabalhar em parceria com o professor, a gente não trabalha sozinho.

Há grande importância de se trabalhar com o professor em prol da otimização do processo de ensino aprendizagem, pois ele faz parte também desse processo e é um dos principais atores com quem a criança tem contato na escola (ANDRADA, 2005).

4.1.4 Atividades junto ao corpo técnico

Em relação ao trabalho desenvolvido junto ao corpo técnico da escola, percebe-se que é voltado para resoluções de conflitos interpessoais dentro da instituição, bem como trabalhar a autoestima e motivação dos profissionais da escola, como pode ser visto nos seguintes trechos:

Psicóloga 9: E fizemos um trabalho de relação interpessoal, ao ponto deles se adaptarem.

Psicóloga 1: fazer atendimento diante dos conflitos para melhorar as relações na instituição, com o pessoal de apoio.

Psicóloga 5: Só pra completar, em relação aos funcionários, vez por outra a gente também reúne e trabalha mais a questão a motivação, da autoestima, tá entendendo?

Segundo Marinho-Araújo et al (2011) o psicólogo escolar tem como função fazer essa escuta clínica, para compreender as “vozes institucionais” de professores e demais técnicos acerca do contexto escolar, do processo de ensino aprendizagem e das relações interpessoais estabelecidas e atuar nelas. Trabalhar a motivação e a autoestima dos funcionários também é importante, pois ajuda a impedir que haja falhas nas relações dentro da escola, na qual a criança está inserida, que podem ocasionar problemas de aprendizagem (ANDRADA, 2005).

4.1.5 Confusão de papéis

Dos dados obtidos nas entrevistas, pode-se constatar uma indefinição em relação às atribuições das psicólogas escolares na escola. Ora, percebe-se que há na prática uma tentativa de fazer clínica na escola, embora em outros momentos as mesmas digam que uma de suas dificuldades é o fato de haver uma cobrança que se faça clínica na escola.

Psicóloga 1: Então eu tenho pacientes tanto mirim, eu tenho uma criança que é autista, que eu fiz um atendimento, tanto eu fiz um atendimento aqui na escola, eu faço atendimento individualizado.

Psicóloga 1: Então o nosso papel é esse, aciona o pai, explica pra ele como ele deve atuar enquanto pai.

Psicóloga 2: O nosso trabalho dentro da escola é muito limitado e você vai perceber que ele vai tá bem mais voltado para as questões pedagógicas, o que na verdade é.

Psicóloga 4: Falar isso (atribuições do psicólogo escolar) como se fosse um manualzinho, pra mim é muito difícil. Eu sou meio misturada, mas eu acho que é isso, é um trabalho de articulação.

Psicóloga 7: Eu faço muito também reunião com os pais, palestras para os pais. Atendo também individualmente até também para mostrar a eles como eles lidarem com determinados problemas dos alunos.

Esses dados corroboram com uma pesquisa realizada com os psicólogos na rede municipal de Campina Grande. Segundo a mesma, os psicólogos de sua pesquisa demonstram que o seu papel na escola não está bem definido para eles, como também não está definido para os outros profissionais na escola (MEDEIROS; AQUINO, 2011). Por mais que a literatura defina bem as atribuições do psicólogo dentro da escola, chegando até a especificar quais poderiam ser suas possíveis intervenções dentro da mesma, muitos psicólogos não entendem quais são elas, não sabem o que lhe é específico (BARRETO; CALAFANGE; LIMA, 2009). Há várias consequências decorrentes disso. Causa angústia ao psicólogo por estar inseguro, não sabendo o que, nem como fazer diante das demandas dos escolares (MENEZES *et al*, 2007).

Ainda segundo Menezes *et al* (2007) entretanto, naquilo que é específico dos psicólogos, enveredam por uma área inadequada para o espaço escolar, a saber, a da psicologia clínica. Eles prestam atendimento individual a alunos considerados “problemáticos”, o que confirma que o campo de atuação não está bem delimitado, implicando muitas vezes numa falta de reconhecimento deste profissional em sua função específica. Diante disso, cumpre ter conhecimento do verdadeiro papel do psicólogo escolar para uma atuação de forma ética e profissional.

As causas da indefinição do papel do psicólogo escolar são muitas, sendo a principal delas a má formação (MENEZES, 2007). Segundo Senna e Almeida (2005) não recebem o

aparato teórico necessário para embasar a sua prática, o que, segundo Souza (2009), torna-a desinformada, acrítica e consequentemente, desqualificada.

4.2 Dificuldades percebidas na sua atuação profissional.

Em relação a categoria “Dificuldades percebidas na sua atuação profissional”, surgiram sete subcategorias: estrutura física; falta de recursos materiais; incompreensão dos outros atores envolvidos com a escola acerca de seu papel; múltiplas funções; articulação teoria-prática; excesso de escolas e; medidas tomadas pelas psicólogas em combate a essas dificuldades.

4.2.1 Estrutura física

No que se refere à subcategoria “Estrutura física”, percebe-se nas falas das psicólogas, insatisfação em relação à estrutura da escola, por não haver um espaço específico, como uma sala para a atuação do psicólogo.

Psicóloga 1: a própria estrutura da escola também, que não é favorável também, que a gente faça um trabalho interessante

Psicóloga 5: E as vezes eu sinto dificuldade de ter um local mais apropriado, uma sala realmente... é a questão do sigilo que você tem que ter.

Barreto, Calafange e Lima (2009) afirmam que um dos desafios enfrentados pelo psicólogo escolar consiste basicamente nas más condições de trabalho. Uma das questões colocadas pela psicóloga é o fato de que sem um espaço específico, pode impedir o sigilo profissional. Segundo Martins (2003), manter o sigilo na escola é difícil, uma vez que ela é uma organização onde a privacidade é restrita.

4.2.2 Falta de recursos materiais

Outra dificuldade apresentada pelas psicólogas diz respeito à ausência de recursos materiais para o desenvolvimento de seu trabalho na escola.

Psicóloga 1: Aqui não tem sala de multimídia, recursos, jogos, tem como a gente se vira nos 30

Psicóloga 5: outra dificuldade que eu encontro também é a questão realmente dos recursos.

Segundo a LDB (BRASIL, 1996), os recursos financeiros destinados à escola devem ser usados para manutenção e desenvolvimento do ensino. Como o foco do psicólogo escolar está na otimização do processo de ensino aprendizagem, deverá possuir recursos suficientes para uma prática eficiente (JOLY, 2001).

4.2.3 Incompreensão dos outros atores envolvidos com a escola acerca de seu papel

Ainda no que se refere às dificuldades enfrentadas pelas psicólogas no exercício de sua profissão, diz respeito à incompreensão dos atores que compõem a escola, bem como da família em relação ao seu papel na escola.

Psicóloga 2: Existe uma expectativa por parte dos gestores e dos professores que o psicólogo ele tem uma varinha de condão, uma varinha mágica... é como se esperassem que o psicólogo tivesse um remédio que vai aplicar na criança e que vai ter um efeito imediato

Psicóloga 7: Por mais que a gente passe o nosso papel, as pessoas veem o psicólogo como aquela pessoa mágica, que encaminha o aluno pra você e você vai resolver de imediato aquele problema.

Psicóloga 11: A gente não tem espaço, o espaço tem que se conquistado todo dia, o psicólogo ainda tem... ainda existe aquela visão que é o que vai dá solução pra o menino problema.

Segundo Menezes et al (2007), comumente os atores da escola, como professores e demais profissionais, não compreendem o efetivo papel do psicólogo escolar e esperam deste que atue em questões que acreditam não terem capacidade para solucionar. Esperam que ele faça o atendimento do aluno-problema, como se o psicólogo tivesse uma varinha de condão

que transformasse o aluno em uma criança “normal”, como pode ser percebido nas falas das psicólogas, não considerando as causas complexas e multideterminadas.

Percebe-se ainda, em certa medida, vitimização dos psicólogos em relação aos profissionais da escola.

Psicóloga 6: Eu vejo que as escolas não estão preparadas pra ter um psicólogo educacional, porque, primeiro, não se conhece de fato quais são as atribuições que ele tem

Psicóloga 1: As vezes você é contratado na escola e o gestor ele acha que você vai resolver todos os conflitos e não é assim.

O fato da escola não conhecer as atribuições do psicólogo não significa que ela não está preparada ou não deve ter um psicólogo atuando. Guzzo e Mezzalira (2011) afirmam que é dever do psicólogo mesmo divulgar suas atribuições, delimitar o seu papel. Além disso, para Weber e Guzzo (2011) é preciso fazer um trabalho inicial na escola para superar as barreiras, lançando mão de um processo de compreensão, aceitação e motivação dos membros do coletivo escolar para fazer seu trabalho.

4.2.4 Múltiplas funções

Percebe-se ainda que as psicólogas assumem funções que não são próprias de suas atribuições, com o reconhecimento e o consentimento das mesmas.

Psicóloga 2: A gente acaba tendo uma demanda de ações que não são só específicas de nossa profissão.

Psicóloga 6: Enfim, a gente faz um pouquinho de tudo na prática.

Psicóloga 7: As vezes a gente até sai um pouquinho das nossas atribuições.

Não sabendo o que fazer, o psicólogo assume atividades de profissionais de outras áreas de conhecimento, acarretando uma sobrecarga de atividades (BARRETO; CALAFANGE; LIMA, 2009). Como já foi dito anteriormente, há uma miscigenação de papéis, entre o psicólogo, pedagogo e professor. O psicólogo é solicitado a fazer outros

serviços e o que é próprio de sua área fica em segundo plano ou não realiza (ANTUNES, 2008).

4.2.5 Articulação teoria-prática

Outro ponto saliente nas falas das psicólogas no que concerne aos obstáculos enfrentados pelas mesmas, diz respeito à dificuldade de articular teoria e prática. Não conseguem ver na prática ou aplicar nela o que foi visto na academia ou na literatura.

Psicóloga 5: A gente estuda no campo teórico e quando a gente vai pra prática a gente não tem condição de colocar na prática.

Psicóloga 8: Hoje você não pode dizer (das atribuições do psicólogo escolar na escola) que é isso, isso e isso, porque quando você vai pra prática, toda aquela teoria que tá delimitando ela foge.

Segundo Barreto, Calafange e Lima (2009), uma dos desafios ante a atuação profissional do psicólogo escolar na escola é a incompatibilidade entre a formação recebida e as ações requeridas. Talvez a causa seja a má formação inicial em nível e graduação; uns, pelo fato de ter a formação em clínica, e outros por ter uma formação em educacional de forma deficitária, que não tiveram acesso às experiências que possibilitassem ao psicólogo atuar na escola de forma crítica (FACCI; SOUZA, 2011). Segundo Lessa e Facci (2009), é necessário criar espaços para reflexão e projetos com outros profissionais de psicologia que estão atuando em outras escolas, com o objetivo de rever práticas desenvolvidas e relacionar teoria e prática.

4.2.6 Excesso de escolas

Outra dificuldade apresentada pelas psicólogas se refere ao fato delas atuarem em mais de uma escola durante a semana.

Psicóloga 5: também essa questão da gente tá em vários lugares, em várias instituições... não tem como você acompanhar de fato aquele aluno.

Psicóloga 7: O bom seria que a gente poderia atuar só em uma escola, né? Uma das dificuldades é essa, você tá dividido.

Barreto, Calafange e Lima (2009) afirmam que um dos desafios enfrentados pelo psicólogo escolar consiste basicamente nas más condições de trabalho, como já foi dito. Dentro dessas condições de trabalho podemos incluir reduzida carga horária para cada escola, o que prejudica o acompanhamento do processo.

4.3 Superação das dificuldades encontradas pelas psicólogas

Foi possível perceber também o que as psicólogas faziam frente às dificuldades, podemos destacar as seguintes:

Psicóloga 1: eu tento explicar para os demais profissionais, eu acho que é uma coisa importantíssima...mostrando o que de fato é seu papel. Em relação aos ambientes, eu faço o seguinte: eu tento usar a literatura infantil, eu tento usar os recursos que a gente tem.

Psicóloga 6: Primeiro, eu procuro muito esclarecer o que é o psicólogo, porque a ideia que se tem ainda, em pleno ano 2013, a ideia que se tem do psicólogo, é que ele vai agir de maneira clínica, e não é isso que a gente faz na escola, como eu te falei.

Guzzo e Mezzalira (2011) afirmam que o Sistema Conselhos tem o papel de esclarecer aos órgãos competentes a importância do psicólogo nos contextos escolares. Além disso, é dever do próprio psicólogo da instituição divulgar os seus serviços realizados no espaço de atuação. As psicólogas buscam esclarecer qual é o seu papel dentro da escola. O problema é quando o mesmo não conhece suas atribuições, aquilo que lhe é específico, facilitando a visão errônea de outros profissionais acerca dele.

Vale salientar que, ao que parece, em geral as psicólogas não conseguem mudar a concepção dos outros profissionais acerca de seu papel

Psicóloga 11: Todo dia é uma explicação, todo dia é uma reivindicação.

Psicóloga 7: Por mais que a gente passe o nosso papel, as pessoas veem o psicólogo como aquela pessoa mágica, que encaminha o aluno pra você e você vai resolver de imediato aquele problema.

Será que isso ocorre pelo fato de não haver definição de seu papel e por isso os profissionais não compreendam? Talvez não haja uma atuação de fato de acordo com as atribuições do psicólogo escolar e, por isso, os profissionais esperam que façam um trabalho clínico, de acordo com o que eles conhecem do trabalho do psicólogo.

Em relação as estrutura física, identifica-se que as psicólogas realizam seus atendimentos individuais, como entrevistas e orientações em lugares diversos.

Psicóloga 9: Eu sempre arranjo um cantinho, um local mais agradável. Já deixa de ser dificuldade pra mim, porque a gente se adapta, certo?

Psicóloga 6: mas ai a gente tem que fazer uma conversa no corredor, que é totalmente comprometedor.

Psicóloga 11: A gente escuta na sala dos professores, e eu já escutei debaixo de uma árvores, eu já escutei no corredor, num batentinho, que tem uns banquinhos no pátio, na secretaria muitas vezes.

Mesmo com todas as dificuldades, nota-se que as psicólogas buscam fazer o seu trabalho, tentando contornar esses obstáculos, na medida do possível.

5. CONCLUSÃO

Os resultados encontrados nesta pesquisa revelaram que as psicólogas entrevistadas percebem suas atividades como diversificadas, atuando sobre todos os atores da escola. Entretanto apresentam uma tendência de uma prática voltada essencialmente para o aluno problema, tentando envolver pais e professores em suas intervenções. Além disso, percebe-se que as psicólogas não tem definição de seu papel na escola, mostrando-se confusas ao se falar de suas atribuições.

Além disso, os dados apontam para a existência de dificuldades enfrentadas pelos psicólogos em sua prática, principalmente referentes à incompreensão dos outros atores e da família dos alunos em relação ao seu papel na escola, cobrando dele um atendimento clínico na escola e solucionador de problemas. Será que essa cobrança, por um atendimento clínico, não é reforçada pela própria atuação individual e no aluno-problema das psicólogas? Talvez essa prática seja consequência da falta de definição das próprias psicólogas em relação ao que lhes é específico, resultando também em atuar em áreas que não lhes competem.

Sugere-se que o conselho federal de psicologia e os conselhos regionais de psicologia realizam cada vez mais estudos, pesquisas, envolvendo psicólogos escolares de todo o país, além de haver essa divulgação por meio dos meios midiáticos, bem como palestras de conscientização nas instituições escolares sobre o papel do psicólogo na educação. O objetivo que é tornar consciente a população da possível contribuição deste profissional para uma educação de mais qualidade.

Além disso, acredita-se que há a necessidade de haver uma definição de seu papel para que haja uma prática mais eficiente. Para tanto, é sugerido que as universidades façam estudos, promovam pesquisas nesta área, divulguem os resultados, façam grupos de estudos com essas psicólogas para que reflitam sobre sua atuação e possam articular teoria e prática. Finalmente, é necessário que as próprias psicólogas possam buscar constantemente construir, criticar, revisar seus conhecimentos psicológicos no campo da educação para poder interferir profundamente no desenvolvimento dos sujeitos que estão envolvidos na escola.

ABSTRACT

For many years the practice of school / educational psychologist has been challenged , reviewed , discussed , reaching undergo changes over the years . Several theorists define and delimit the role of this person to the present day , as well as the Federal Council of Psychology . However , what is expected of the educational psychologist, from what is put in the literature often does not correspond to the daily practice of these . This study aimed to identify and analyze the perception of school / educational psychologist of the municipal schools in Campina Grande about her role in the school . Data were collected through a semi-structured interview applied to 11 psychologists . The results revealed that the psychologists interviewed perceive their activities as diverse acting on all school actors . However, have a tendency to a practice focused essentially on the " problem student " trying to involve parents and teachers in their interventions . Moreover , it is noticed that the psychologists have no clear definition of their role in school , being confused when talking about their assignments. Furthermore , the data point to the existence of difficulties faced by psychologists in their practice , especially regarding the misunderstanding of the other actors of the school and the family of students in relation to their role , charging him a clinical service and a problem solver . It is believed that understanding the true role of the school psychologist will only occur when psychologists seek own definition of their role in school through debates , studies and reflections that combine theory and practice.

KEYWORDS : School Psychology / Educational ; Practice Psychologist ; Public School ; Difficulties .

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Família, Escola e a Dificuldade de Aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 7, n. 2, p. 171-178, 2003.

_____. Sugestões práticas: Focos de intervenção em psicologia escolar. **Psicologia Escolar Educacional (Impr.)[online]**, Santa Catarina, vol. 9, n. 1, p. 163-165, 2005.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista ABRAPEE**, Campinas, v. 12, n. 2, Dez. 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. 280 p.

BARRETO, M. da A.; CALAFANGE, P. A. F. R. D.; LIMA; Z. P. de. Estudo com Psicólogos Escolares: Ações e Desafios. **Psicologia Argumento**, vol. 27, n. 58, p. 261-269, 2009.

BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: Identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, vol. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.

BORGES, R. K. **Importância do Espaço da Psicologia na Escola**. IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola. Anais. Rio Grande do Sul: Lajeado. 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. 1992 .

CONSELHO DEFERDEAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos (as) na Educação Básica**. 2013.

FACCI, M. G. D.; SOUZA, M. P. R de. “O que este menino tem?”: contribuições do método instrumenta de Vigotski. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 77-100. **formação do novo homem**. VII Jornada do HISTEDBR. Anais. Mato Grosso do Sul: Campo Grande. 2007.

GUZZO, R. S. L.; MEZZALIRA, A. S. da C. 2008 – Ano da Educação para os psicólogos: encaminhamentos e próximos passos. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 11-32.

HOCKENBURY, D. H.; HOCKENBURY, S. E. Pensamento, Linguagem e Inteligência. In: **Descobrendo a psicologia**. São Paulo: Manole Saude, 2002, p. 239 – 275.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Aumento da escolaridade feminina reduz fecundidade e mortalidade infantil**. 2006. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=580&id_pagina=1 >. Acesso em: 04/04/2012.

JOLY, M. C. R. A.. A formação do psicólogo escolar e a educação no terceiro milênio. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 4, n. 2, Dec. 2000.

LESSA, P. V. de; FACCI, M. G. D. O Psicólogo Escolar e seu Trabalho Frente ao Fracasso Escolar numa Perspectiva Crítica. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE**, 9, 2009, São Paulo.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. et al. Psicologia Escolar no Distrito Federa: História e compromisso com políticas públicas. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 47-76.

MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, vol. 23, n. 83, p. 39-56, 2010.

MARTINS, J. B. A Atuação do Psicólogo Escolar: Mulirreferencialidade, Implicação e Escuta Clínica. **Psicologia em Estudo**, vol. 8, n. 2, p. 39-45, 2003.

MEDEIROS, L. G. de; AQUINO, F. de S. B. Atuação do Psicólogo Escolar na Rede Pública de Ensino: Concepções e Práticas. **Psicologia Argumento**, vol. 29, n. 65, p. 227-236, 2011.

MENEZES, C. L. et al. **Mitos e verdades sobre a atuação do psicólogo escolar: a visão deste pelos profissionais e alunos de uma instituição de ensino privada em Manaus**, 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0070>. Acesso: 1º de Abril. 2013, 14:35:00.

NASCIMENTO, A. B. et all. **O papel do psicólogo escolar: a visão deste pelos profissionais da educação das escolas estaduais de Pimenta Bueno – RO. Revista Virtual Partes. Ano III n.33 maio de 2003.**

NETTO, S. P. As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. In: WECHSLER, S. M. (Org.). **Psicologia Escolar: Pesquisa, Formação e Prática**. São Paulo: Alínea, 1996. p. 21-38.

NEVES, M. M. B. da J. et al. Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. **Portal educação**, 2008. Disponível em: <

<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/5712/psicologia-escolar-artigo.com>>
Acesso em: 14/04/2012.

PEREIRA, L. A.; FELIPE, D. A. e FRANÇA, F. F. Origem da Escola Pública Brasileira: A formação do novo homem. **Revista Histedbr**, vol. 12, n. 45, 2012. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/view/3469>>. Acesso em: 20/02/2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Campina Grande**. Disponível em: <<http://minhacidademinhavidacom.br/new/>> Acesso: Maio, 2012.

REBELLO, M. P. de S. **Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos**. Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 129-149, mar. 2010.

SANT'ANA, I. M.; ALBERGARIA, M. T. A. A Intervenção do Psicólogo Escolar Junto às Classes de Aceleração: possibilidades e desafios. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 121-148.

SENNA, S. R. C. M.; ALMEIDA, S.F.C. Formação e atuação do psicólogo escolar da rede pública de ensino do Distrito Federal. In: A. M. Martínez (Org.), **Psicologia escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas**. Campinas: Alínea, 2005, p.199-230.

SILVA, S. M. C. et al. O Psicólogo Escolar e a Infância: uma experiência em escola pública. **Educação: Teoria e Prática**, São Paulo, v.18, n. 31, p. 137-152, jul-dez, 2008.

SOARES, L. de S. L.; MENDONÇA, R. V. Dando formar ao que se busca formar-se: Refletindo sobre a formação do psicólogo escolar. **Psicologado**, 2010. Disponível em <http://artigos.psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/Dando-Forma-ao-que-se-busca-Formar-se-Refletindo-sobre-a-formacao-do-Psicologo-Escolar>>. Acesso em 31 de mar. de 2013.

SOUZA, M. P. R. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, São Paulo, vol. 13, n.1, p.179-182, 2009.

ULUP, L.; BARBOSA, R. B. A Formação Profissional e a Ressignificação do Papel do Psicólogo no Cenário Escolar: Uma Proposta de Atuação de Estagiários a Psicólogos Escolares. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 32, n.1, p. 250-263, 2012.

WEBER, M. A. L.; GUZZO, R. S. L. Violação dos Direitos das Crianças na Educação Infantil. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 231-244.